

A guerra híbrida na Síria e o uso de métodos não convencionais: uma análise de 2011 a 2019

*Issam Rabih Menem*¹

*Ana Karolina Morais Silva*²

*Lucas Kerr Oliveira*³

Resumo

Neste artigo, apresentamos os diferentes métodos não convencionais de guerra utilizados contra o governo de Bashar Al-Assad. Inicialmente, foram analisadas as teorias que debatem o novo caráter tático das guerras contemporâneas e seus métodos não convencionais. Em seguida, discutiu-se brevemente o papel das potências regionais e da balança de poder regional no Oriente Médio para compreender o entorno geopolítico em que a Síria se insere. Por fim, foram apresentados os antecedentes e o escalamento do conflito sírio, entre os anos de 2011 e 2019, com o propósito de identificar algumas das principais táticas adotadas pelas Grandes e Médias Potências envolvidas no conflito.

Palavras-chave: Guerra Híbrida; Síria; Oriente Médio.

Hybrid war in syria and the use of non-conventional methods: an analysis from 2011 to 2019

Abstract

In this article, we presented the different unconventional methods of warfare used against the government of Bashar Al-Assad. Initially, the theories that debate the new tactical character of contemporary wars and their unconventional methods were analyzed. Then, the role of regional powers and the regional balance of power in the Middle East were briefly discussed to understand the geopolitical environment in which Syria is inserted. Finally, the background and escalation of the Syrian conflict between 2011 and 2019 were presented, in order to identify some of the main tactics adopted by the Great and Medium Powers involved in the conflict.

Keywords: Hybrid War, Syria; Middle East.

La guerra híbrida en siria y el uso de métodos no convencionales: un análisis de 2011 a 2019

Resumen

¹ Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) - UFRGS. E-mail: issam_menem@hotmail.com

² Mestranda em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) - UNILA. Bolsista de Pós-Graduação (DS/UNILA). E-mail: ana.morais@aluno.unila.edu.br

³ Doutor em Ciência Política (UFRGS). Professor do curso de Relações Internacionais e Integração e do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) - UNILA. E-mail: lucas.oliveira@unila.edu.br

En este artículo, buscamos presentar los diferentes métodos de guerra no convencionales utilizados contra el gobierno de Bashar Al-Assad. Inicialmente, se analizaron las teorías que debaten el nuevo carácter táctico de las guerras contemporáneas y sus métodos no convencionales. Luego, se discutió brevemente el papel de los poderes regionales y equilibrio de poder regional en Oriente Medio para comprender el entorno geopolítico en el que se inserta Siria. Finalmente, se presentaron los antecedentes y la escalada del conflicto sirio entre 2011 y 2019, con el fin de identificar algunas de las tácticas principales adoptadas por las Grandes y Medianas Potencias involucradas en el conflicto.

Palabras clave: Guerra Híbrida; Siria; Oriente Medio.

Introdução

A guerra indireta ou não convencional ganhou um importante valor no planejamento estratégico das grandes e médias potências, especialmente a partir do século XXI. A guerra tradicional marcada por bombardeiros e tanques tem sido substituída ou mesclada com modalidades de guerra indireta, entendida como aquela em que se utiliza de qualquer tipo de força não convencional em um conflito assimétrico, geralmente com a participação decisiva de operações encobertas, de espionagem, sabotagem e propaganda, quintas-coluna, espiões e grupos armados sustentados por potências externas ou extra-regionais, com manifestantes e grupos insurgentes muitas vezes atuando como se fossem civis ou locais (KORYBKO, 2015, p. 5).

Assim, Revoluções Coloridas e Guerras Híbridas representam modalidades de guerra indireta ou não convencional de maior destaque pelo seu uso como mecanismos estratégicos da competição entre as grandes potências. No caso do Oriente Médio, o colapso do Iraque resultou no colapso das antigas balanças de poder predominantes até a Guerra Fria, levando a um conflituoso processo de reorganização das relações entre as potências regionais (Turquia, Irã, Israel, Egito e Arábia Saudita), e respectivas alianças com as grandes potências (KORYBKO, 2018; FRIEDMAN, 2012).

Desse modo, o objetivo geral deste artigo é evidenciar como métodos de guerra não convencional são empregados de forma articulada por potências regionais e extra-regionais desde o início do conflito sírio. Para tal, recorreu-se a fontes bibliográficas relevantes ao tema desenvolvido neste artigo. Primeiramente, buscamos introduzir ao leitor o conceito contemporâneo de guerra não convencional. Em seguida, foi apresentada a região compreendida

como Oriente Médio e suas dinâmicas de poder e influência de grandes potências e potências regionais. Finalmente, a última seção do artigo discute alguns dos principais métodos de guerra não convencional empregados contra o governo de Bashar Al-Assad, especialmente entre os anos de 2011 e 2019.

A guerra não-convencional: guerras *proxy*, guerras de nova geração e guerra híbrida

Há algumas décadas, observa-se a intensificação do surgimento de novas Guerras *Proxy* como uma tendência geral do sistema internacional. Esse é um tipo de conflito de caráter assimétrico, marcado pela participação indireta de múltiplas forças e caracterizado por um forte componente civil (KORYBKO, 2018). Há um debate entre acadêmicos e militares sobre como denominar esse tipo de conflito; entretanto, nas múltiplas interpretações e conceitos oferecidos, é possível observar alguns pontos em comum para a definição desse modo contemporâneo de fazer a guerra.

A Guerra *Proxy* é uma das primeiras definições elaboradas para definir a guerra não convencional. Na definição de Hughes, a guerra deixou de ser feita somente nos moldes convencionais e adotou em suas táticas a assimetria, a baixa intensidade e o anonimato. Assim, o autor introduz três elementos condicionantes para a existência de uma Guerra *Proxy*: ajuda direta de uma potência externa, a existência de um inimigo comum e a manutenção de uma relação por certo período de tempo entre um *proxy* e um poder estatal externo ao território em que se desenvolve o conflito. Ainda, define um *proxy* como “*um grupo paramilitar não-estatal recebendo assistência direta de uma potência externa*” (HUGHES, 2012, p. 11).

O conceito de Guerra de Quarta Geração foi desenvolvido na academia militar estadunidense a partir das formulações iniciais de William Lind, em coautoria com outros militares, como proposta para que os Estados Unidos pudesse vencer as próximas guerras locais e regionais, de forma a evitar um novo desastre como o do Vietnã. Lind classificou as formas de fazer a guerra por parte das grandes potências ao longo da História Moderna e Contemporânea, listando ao todo quatro tipos, e indicando que na contemporaneidade experienciamos a quarta geração. Em suas formulações

Lind atenta especialmente para o papel do Estado, afirmando que este perde o monopólio sobre a guerra neste tipo de conflito, passando a combater oponentes não-estatais, o que está diretamente ligado a uma crise global da legitimidade do Estado (LIND, 2005).

Ainda segundo o autor, a vitória nos níveis tático e físico não se traduz automaticamente à vitória nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, sendo estes últimos níveis o espaço onde o resultado da Guerra de Quarta Geração seria decidido e, assim, a informação cumpre um papel fundamental para determinar quem será o vencedor do conflito em última instância. Por se tratar de um conflito de tipo irregular, o autor argumenta que a grande mudança que este tipo de guerra apresenta não são as técnicas de combate (similares à tática de guerrilha), mas sim a dificuldade de se distinguir entre inimigo e não-inimigo (LIND, 2005).

Há, ainda, a definição de Guerra Híbrida de Hoffman, pesquisador da *National Defense University* (Estados Unidos), segundo a qual a Guerra Híbrida mescla a letalidade estatal com a insurgência da guerra irregular. Sendo assim, as forças que se combatem nesses conflitos (Estados, grupos financiados por Estados ou atores autofinanciados) exploram o acesso a capacidades militares modernas, o que implica afirmar que os conflitos híbridos não perdem o componente estatal, pelo contrário, reforça-se a participação do Estado na guerra, mas modificam-se os seus métodos, sendo adotadas novas táticas irregulares e/ou não convencionais. Hoffman acrescenta à visão de Lind a possibilidade dos próprios Estados passarem a alterar seu *modus operandi* para adequarem-se aos elementos da Guerra Híbrida, ou seja, a possibilidade de que os Estados em geral viessem a adotar táticas de guerra irregular para poderem enfrentar esse tipo de conflito (HOFFMAN, 2009).

Por outro lado, conforme aponta Berzins (2016), o conceito de Guerra de Nova Geração difere fundamentalmente do conceito de Guerra Híbrida no sentido de que o primeiro não pressupõe a necessidade do emprego da força física nos conflitos não convencionais comuns ao século XXI, como o segundo faz. Ademais, por ser um conceito desenvolvido no bojo do pensamento militar estadunidense, seu emprego não é bem aceito pela academia militar russa. Berzins segue argumentando que o ponto central do conceito de Guerra de Nova Geração é a noção de assimetria, a estratégia usada por um oponente

mais fraco para combater um adversário mais forte. Assim, a Guerra de Nova Geração não considera o uso de instrumentos militares como um pré-requisito para os conflitos contemporâneos, porém, não exclui a possibilidade do emprego destes. Assim, a guerra pode ser feita com ou sem o uso de força militar. Quando há o uso de força militar, caracteriza-se como uma guerra direta; entretanto, quando a força militar não é necessária, caracteriza-se como uma guerra indireta, na qual geralmente são aplicadas táticas que visam gerar o desgaste e/ou exaustão gradual do inimigo, até que os objetivos políticos da guerra serem atingidos (BERZINS, 2016).

Na definição de Korybko (2018), a guerra não convencional surge como a continuação de um conflito pré-existente na sociedade e, por esta razão, ela tende a surgir como parte de um movimento que busca atuar contra um governo visando desestabilizá-lo e, eventualmente, derrubá-lo. Assim, dentro da Guerra Híbrida, o conflito sociopolítico pré-existente é uma Revolução Colorida gerada com o apoio de forças externas, e tal revolução evolui ao ponto de uma guerra não convencional quando fracassa em gerar a mudança de regime para a qual foi gerada. Desta forma, o conflito não convencional, híbrido, escala de maneira a exacerbar sua letalidade, traduzindo-se no “*caos armatizado e direcionado com a intenção de cumprir os objetivos de troca de regime*” (KORYBKO, 2018, p. 72).

Potências regionais, geopolítica e balança de poder regional do Oriente Médio

Na atualidade, analistas especulam os possíveis desdobramentos dos atuais conflitos do Oriente Médio, que poderiam levar a reorganizações territoriais, balcanização de determinados Estados (como Iraque, Síria e Iêmen) e, no caso do povo curdo, poderiam inclusive gerar um novo Estado nacional a partir deste grupo étnico que ocupa partes do norte da Síria e do Iraque e do sul da Turquia. Nas últimas cinco décadas o Oriente Médio esteve dividido em três equilíbrios de poder: o árabe-israelense, o indo-paquistanês e o iraniano-iraquiano. Devido à intervenção estadunidense na região no início do século XXI, os três equilíbrios estão desestabilizados ou instintos, especialmente no caso iraniano-iraquiano (FRIEDMAN, 2012).

Israel atualmente encontra-se quase sem limitações impostas por seus vizinhos (Egito, Líbano, Síria, Jordânia), o que leva o Estado israelense a tentar adquirir mais vantagens na região. A manutenção de Israel como uma potência militar no Oriente Médio aprofundou a instabilidade geopolítica da região, especialmente no que se refere aos grupos fundamentalistas que a cada campanha militar empregada pelo Estado de Israel com o apoio tácito dos Estados Unidos têm suas posições ainda mais reforçadas (ZHRREDINE; TEIXEIRA, 2014).

Já o Paquistão não oferece mais um claro contrapeso à Índia por conta da Guerra no Afeganistão, a qual é, segundo o discurso oficial do governo estadunidense, uma questão de eliminar as bases da Al Qaeda no país e garantir eleições democráticas. Entretanto, a reverberação dessa guerra para a região da Ásia Central e Península Índica tem sido uma desestabilização do Paquistão, potência nuclear que possui rivalidades históricas com a Índia, outra potência nuclear. A fronteira política entre o Paquistão e o Afeganistão possui pouca relevância prática, sendo que os dois países compartilham grupos e tribos étnicas, o que facilita a disseminação dos impactos da guerra para o país vizinho ao Estado afegão (FRIEDMAN, 2012).

O caso do equilíbrio de poder entre Irã e Iraque é mais complexo ainda. Historicamente, a Arábia Saudita tem sido fundamental para influenciar esse equilíbrio de poder, vide a Guerra Irã-Iraque (1980-1988) em que o apoio saudita ao Iraque foi fundamental para o êxito do país. Após a intervenção estadunidense em território iraquiano em 2003, o país teve seu governo e forças armadas destruídos. Neste contexto, o Irã passou a ter o principal exército da região. Ademais, o país já tem a maior população do Golfo Pérsico (cerca de 70 milhões, contra 30 milhões do Iraque e 28 milhões da Arábia Saudita, sendo a Turquia a única que se aproxima do número iraniano) (FRIEDMAN, 2012).

As tensões geopolíticas desdobram-se em uma forte militarização da região, que há cada ano conta com um aumento significativo de suas importações de armas. Os Estados Unidos forneceram 52% do total transferências de armas para a região, seguidas pelo Reino Unido (9,4%) e pela França (8,6%), entre os anos de 2013 e 2017. Neste mesmo período, 31% das transferências de armas para a região foram para a Arábia Saudita, 14%

para o Egito e 13% para os Emirados Árabes Unidos. O Irã, o segundo Estado mais populoso do Oriente Médio, respondeu a apenas 1% das importações de armas para a região (SIPRI, 2017, p. 10). A região é uma das principais participantes do comércio global de armas, constituindo 61,1% do valor de todos o comércio de armas do mundo em desenvolvimento de 2012 a 2015. Os conflitos em andamento no Iêmen, na Síria e na Líbia demonstram como potências regionais e externas ao Oriente Médio buscam influenciar resultados políticos através das transferências de armas a parceiros (CRS, 2017, p. 3).

Atualmente, Estados Unidos, Rússia e China utilizam o comércio de armas para influenciar a dinâmica geopolítica do Oriente Médio. Os EUA têm suprido a demanda por armas e treinamento militar dos seus parceiros no Golfo Pérsico por anos e, desde o início dos anos 2000, estende esse suporte aos países da Bacia do Cáspio. A Rússia continua suprido as antigas repúblicas da URSS no Cáucaso e na Ásia Central com armas, sendo o maior vendedor de armas ao Irã. E a China tem repassado armas e tecnologia militar para o Irã e tem conduzido exercícios militares em conjunto com países da região (KLARE, 2005).

Antecedentes e escalada do conflito sírio

Desde que o ex-presidente estadunidense George W. Bush divulgou o “novo mapa do Oriente Médio”, um projeto que tem como objetivo redefinir as fronteiras dos estados árabes e dividi-los de modo a facilitar seu controle (processo de balcanização e finlandização do território), diversas ações políticas e militares foram promovidas com o intuito de desestabilizar o sistema de segurança e a estabilidade por todo o Oriente Médio (NAZEMROAYA, 2006). Segundo David Harvey (2003, p. 26), “*os Estados Unidos têm um interesse geopolítico bem antigo na região. Para todo o conceito de controle global elaborado durante a Segunda Guerra Mundial, era fundamental*”.

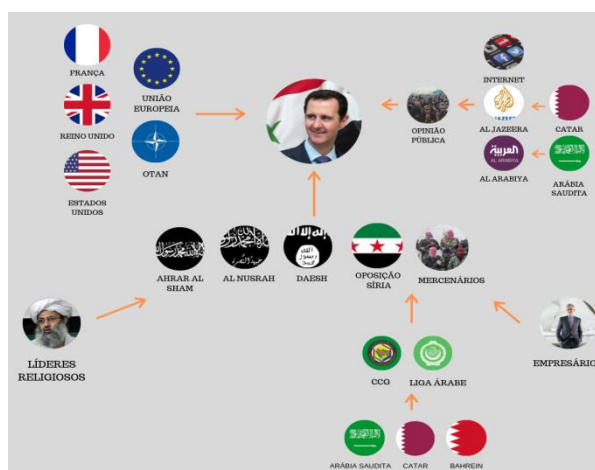
Quando pensamos a geopolítica do Oriente Médio, não devemos considerar apenas a Síria, o Iraque ou qualquer outro país da região de forma isolada, mas sim contemplar a significância geopolítica dos países da região como um bloco, em relação ao capitalismo global. Neste sentido, é percebido

na retórica oficial que a finlandização⁴ de países árabes e a mudança de seus regimes para governos favoráveis aos Estados Unidos beneficiaria toda a região e, talvez, até influenciasse mudanças de regime semelhantes em outros países (HARVEY, 2003, p. 25).

Assim, a centralidade da Síria para a ordem geopolítica do Oriente Médio mas principalmente seu protagonismo em grandes projetos logísticos de cunho energético, colocam o território sírio como ponto central nas discussões sobre o futuro da logística energética não só do Oriente Médio mas de toda a Europa (CORRÊA; DELGADO, 2018, p. 6).

Estes fatores, entre outros, despertaram o interesse tanto em potências globais, Estados Unidos e Rússia, como, em potências regionais, Irã, Arábia Saudita e Turquia que buscam o posto de grande potência regional do Oriente Médio. Cada um destes grandes atores investiu política, econômica e militarmente de forma a garantir um resultado alinhado aos seus interesses. Pode-se destacar também a influência de atores regionais menores no conflito sírio, como Catar, Bahrein e Emirados Árabes Unidos, que realizam grandes investimentos em suas respectivas forças armadas e financiam grupos armados em diferentes regiões do Oriente Médio, mostram grande ambição regional (HOKAYEM, 2015, p. 61).

IMAGEM 1 - Métodos Convencionais e Não-Convencionais Utilizados contra o Governo de Bashar Al Assad



Fonte: MENEM, 2020, p. 59.

⁴ “O conceito conhecido como Finlandização se refere ao fato de que, embora a Finlândia estivesse nominalmente livre da União Soviética, estava tão ameaçada pelo Poder Soviético que não podia agir unilateralmente sem moderar suas ações para não ofender seu vizinho gigante, o que poderia esmagá-lo à vontade.” (GLOBAL SECURITY, 2020).

A quantidade de atores, agendas e recursos locais e transnacionais envolvidos no conflito é tanta que resultou na fragmentação da rebelião contra o governo de Assad: *“eles perderam a coerência no processo, tornando ainda mais difícil alcançar e implementar um acordo com amplo apoio regional”* (HOKAYEM, 2015, p. 61). Em discurso, o presidente Al-Assad descreve as diferentes estratégias utilizadas para minar seu governo: *“Existem quatro diferentes guerras na síria. A primeira guerra é a militar; a segunda, é a guerra ao cerco econômico; a terceira, é a guerra cibernética “guerra da internet e das redes sociais”; e a quarta, é a guerra interna contra os corruptos.”* (SÍRIA, 2019, 41:10 min).

Não é obra da aleatoriedade a catástrofe socioeconômica que a Síria vive desde 2011. Países fronteiriços facilitaram a logística de centenas de milhares de combatentes e terroristas estrangeiros (cerca de 360.000) que tinham como objetivo se incorporarem ao Daesh e outros grupos fundamentalistas/terroristas na Síria e no Iraque. Grupos que promoviam o enfrentamento bélico ao governo de Assad foram gratificados com armas de grosso calibre e comandados por salas de operações invisíveis implantadas em países vizinhos (حديد, 2018).

Primavera Árabe e as Revoluções Coloridas

Os primeiros movimentos populares que levaram ao conflito sírio eclodiram nos primeiros meses de 2011 no sul do país, na cidade de Daraa. Em poucas semanas, as maiores cidades do país registravam atos semelhantes. As manifestações demandavam a queda de Bashar, a legalização dos partidos políticos e o expurgo de oficiais corruptos. Conforme as manifestações foram alastrando-se pelo país, o governo utilizou seu aparato bélico para conter tais movimentações. Neste momento, são registrados os primeiros embates bélicos entre o exército sírio e grupos de oposição armados. É dado o início a uma guerra que perdurará a década de 2010-2020 (VISENTINI, 2014, p. 147).

Dentre os maiores interessados pela queda do governo de Assad, destacam-se as monarquias da Península Arábica. Arábia Saudita e Catar promoveram esforços financeiros, políticos e midiáticos contra o governo de

Assad. De acordo com estimativas do *Financial Times*, as cifras da ajuda do Catar à rebelião síria variam entre US\$ 1 bilhão e US\$ 3 bilhões nos primeiros dois anos (HOKAYEM, 2015, p. 65).

Parte destes recursos eram canalizados para nutrir a estratégia de Revoluções Coloridas. Esta estratégia apresenta-se de maneira muito eficaz, reúne a população em um “enxame” e faz com que eles sobrecarregam as instituições públicas que representam o governo, criando um “caos criativo” à um valor inferior a qualquer investida bélica (AL-BAZ, 2019).

A mídia e a guerra híbrida

Programação diária de modo ininterrupto na televisão, criação de campanhas e *hashtags* no *Twitter* e o compartilhamento de imagens impactantes de guerra no *Facebook*, são ferramentas modernas que auxiliam o desenvolvimento de uma opinião pública interna e externa, regional e internacional (KORYBKO, 2015, p. 93).

Mais do que tornar seu conteúdo “viral”, duas das mais influentes emissoras do mundo árabe, a Al-Jazeera (Catar) e a Al-Arabiya (Arábia Saudita) utilizaram maciçamente suas ferramentas em prol dos protestos contrários ao governo Assad. Mais do que apoiar, deram espaço tanto em suas telas quanto em suas plataformas *online* para líderes opositores ao governo sírio. Ambas as emissoras desempenham um papel fundamental para os governos de seus respectivos países e contribuíram de forma direta para a eclosão da chamada “Primavera Árabe”.

Embora haja o conflito de interesses entre ambas as emissoras (Al-Jazeera e Al-Arabiya), a perseguição ao governo de Assad tornou-se uma pauta compartilhada. Em janeiro de 2019, Bashar Al-Assad, em seu discurso durante a conferência com líderes dos conselhos provinciais sírios, mostrou ciência de estar enfrentando um novo tipo de guerra:

Estamos diante de uma guerra que promove a guerra cibernética, onde muitas páginas de internet se passam por nacionais para difundir informações falsas, mas na realidade são páginas estrangeiras que tem como intuito transmitir uma perspectiva popular-nacional falsa (SÍRIA, 2019, 42:50m).

Além de contarem com o apoio das maiores redes televisivas da região, os grupos opositores usaram a internet com o objetivo de difundir suas

mensagens e interesses a uma escala internacional. Durante o conflito, mídias sociais como *Facebook*, o *Twitter* e o *Youtube* eram bombardeados diariamente por *bots* com imagens e vídeos contendo mortes civis, por execuções e decapitações promovidos pelo Daesh, apoiados por uma produção audiovisual de alta qualidade (حديد, 2018).

Forças militares irregulares - *proxies*

Em guerras não convencionais *proxies* militares são utilizados com o objetivo de “cortar” fisicamente a conexão entre todos os elementos da sociedade rival. Neste sentido, Estados Unidos e Rússia utilizaram e ainda utilizam a política de introdução e financiamento de *proxies* militares no território sírio. O governo estadunidense, via OTAN e CIA, deu suporte financeiro e militar a grupos que formavam a oposição ao governo sírio como também a grupos paramilitares curdos (KERR OLIVEIRA, PEREIRA BRITES e SILVA REIS, 2013). Em contrapartida, a Rússia promoveu o uso maciço de mercenários ex-combatentes de suas forças armadas vinculados à organizações paramilitares como o *Wagner Group* e a “Legião Eslava” da “*TuranGroup*” (AL-BAZ, 2019). A utilização de *proxies* se sobressai por diversos motivos, dentre eles:

1. Garantir que não haja rejeição interna, considerando que os combatentes não são afiliados com as forças armadas do país. 2. Exportar a ideia de que o exército está se esforçando para evitar conflitos e não recorrer à força militar em todos os momentos. 3. Promoção da propaganda de que o número de mortes de militares é muito baixo (AL-BAZ, 2019).

A Arábia Saudita, junto a Turquia, Catar, Bahrein e os Emirados Árabes Unidos financiaram de forma intensiva indiretamente grupos fundamentalistas e terroristas como a Al-Nusra, a Al-Qaeda, Ahrar Al-Sham e o Daesh que recebeu um grande contingente de mercenários líbios, tunisianos e chechenos (KERR OLIVEIRA, PEREIRA BRITES e SILVA REIS, 2013). Em contrapartida, o Irã, principal oponente da Península Arábica, fomentou militarmente grupos paramilitares xiitas no Iraque como na Síria, dentre eles, um dos atores mais influentes do conflito, o libanês Hezbollah (MENEM, 2020, p. 47).

Estes *proxies* foram alimentados periodicamente com grandes quantidades de armas e munições canalizados por um comércio não

regulamentado de armas. A triangulação envolvia uma grande potência econômica como os Estados Unidos, traficantes de armas (geralmente do leste europeu), e grupos fundamentalistas como o Daesh e Al-Nusra. Abu Al-Ezz, comandante de unidade da Al Nusra, confirmou que recebeu armamento financiado pelos Estados Unidos através de “países terceiros”. Em ocasiões de dificuldade, estes grupos chegavam a receber especialistas de diferentes países para auxiliar no uso de satélites, foguetes e câmeras de reconhecimento e de segurança térmica (CHOSSUDOVSKY, 2016).

Diplomacia de guerra

Em novembro de 2011, a Liga dos Estados Árabes aprovou por maioria (apenas Síria, Líbano e Iêmen votaram contrário) a suspensão da Síria e recomendou-se aos Estados membros que retirassem todas suas representações diplomáticas do país. Em seguida, diversos líderes de Estado, como Barack Obama, e instituições ocidentais, como a União Europeia, congratulam a ação promovida pela Liga Árabe (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011). Wael Merza, secretário do Conselho Nacional Sírio (CNS), comemorou tal fato: “*Essa medida isola o regime em grande parte: econômica, diplomática e politicamente.*” (AL JAZEERA, 2011).

Ainda na escala regional, os países membros do Conselho de Cooperação do Golfo, instituição que reúne as monarquias que mais rivalizam com Assad regionalmente, liderados pela Arábia Saudita, chegaram a propor uma intervenção militar composta por militares árabes, porém, o plano não seguiu adiante devido ao forte posicionamento russo contrário a qualquer tipo de intervenção externa (عمر الح , 2012). No âmbito das Nações Unidas, Rússia e China foram cruciais para vetar qualquer tipo de resolução que envolvesse sanções ou investidas militares contra o governo sírio (MENEM, 2020, p. 109).

Sanções comerciais e guerra econômica

Após a suspensão da Síria da Liga dos Estados Árabes, algumas sanções foram imediatamente aprovadas, entre elas a paralisação das transações com o Banco Central sírio, interrupção do financiamento dos governos árabes para projetos na Síria, suspensão das relações diplomáticas e congelamento de ativos relacionados ao governo do Presidente Bashar al-

Assad (BBC, 2011). Sanções econômicas e políticas foram promovidas por diferentes Estados, instituições e organismos internacionais. O embargo ao petróleo sírio promovido pela União Europeia devastou a economia do país árabe, reduzindo a produção do petróleo em 75% ainda em 2011. O óleo representava cerca de 90% das exportações sírias para o velho continente (THE NEW YORK TIMES, 2011).

Ficou proibido a todos os Estados membros da União Europeia a importação de petróleo e produtos derivados oriundos ou exportados pela Síria, bem como o transporte de qualquer produto petrolífero exportado pela Síria. Além do embargo ao petróleo sírio, a União Europeia impôs diversas medidas restritivas a Síria, dentre elas, a proibição de prestação de assistência técnica ao país, proibição de qualquer tipo de transferência de equipamentos ou tecnologia para construção de centrais de produção de eletricidade em território sírio. Por fim, no âmbito do Banco Europeu de Investimentos ficou proibido efetuar qualquer pagamento de empréstimos celebrados com o Estado sírio e suspenderam-se todos os contratos de prestação de serviços de assistência técnica no âmbito dos acordos de empréstimo (UNIÃO EUROPEIA, 2012).

A modalidade de guerra econômica tem o objetivo de corroer a economia do oponente, sucatear as instituições governamentais e suas entidades, incentivar a discórdia social contra o governante, atrofiar as capacidades militares e enfraquecer os laços entre a nação “inimiga” e as organizações internacionais. A ofensiva econômica é considerada o elemento mais difícil de reverter quando realizado (TAIT, 2019).

Considerações finais

A Guerra na Síria, que se estende desde 2011, pode ser considerada central para compreender a dinâmica de guerras não convencionais, visto que envolve grande quantidade de atores internos e, principalmente, grupos que atuam através de “procurações” das grandes potências e/ou de potências regionais, influenciando e até criando novos conflitos de forma direta ou indireta no país.

Neste contexto, a análise do confronto armado sírio envolveu identificar os diferentes grupos envolvidos no conflito, passando pelos Estados nacionais

(grandes potências, potências regionais e outros); grupos *proxies* paramilitares e organizações terroristas apoiados por esses Estados; os organismos e organizações internacionais; corporações multinacionais, especialmente do setor petrolífero, bélico e midiático; e uma grande variedade de grupos locais como partidos, grupos e facções políticas e religiosas que projetam seus interesses na disputa ainda em andamento no território sírio.

Deste modo, verificou-se que diferentes métodos não convencionais têm sido empregados e fomentados em conjunto desde o início do conflito, criando diversos frentes de combate para o governo de Bashar Al Assad enfrentar. O conflito sírio faz parte de uma tendência do sistema internacional a multiplicação de conflitos não convencionais, que combinam ou não métodos militares com método não-militares como as táticas de pressão diplomática, midiática e econômica. Com o fracasso das agitações políticas da Primavera Árabe em gerar uma mudança de regime na Síria, o conflito social do país evoluiu para um confronto que já perdura há nove anos e que mergulhou o país em uma crise econômica profunda, fragmentou o seu território em diversas zonas de confrontos militares e gerou uma das maiores crises humanitárias da história recente.

Referências

- AL-BAZ, Ahmad. الحرب الهجينة.. كيف تقا تل روسيا بدون جنود وتتنصر بدون معارك عسكرية؟. Royah News. 2019. Disponível em:<encurtador.com.br/btwxC>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- AL JAZEERA. **Arab League decides to suspend Syria**. 2011. Disponível em:<https://bit.ly/2OQ3hTR>. Acesso em: 12 set. 2019.
- BBC. Liga Árabe pune Síria, que critica 'interferência'. 2011. Disponível em:<encurtador.com.br/ILQY5>. Acesso em: 12 set. 2019.
- BERZINS, J. **The West is Russia's Main Adversary, and the Answer is New Generation Warfare. Threat perception and security policy concepts in comparison: USA, Europe and the BRICS-States**. Hamburgo: Institut für Friedens for schung und Sicherheits politik an der Universität Hamburg. 2016.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. **U.S. "Military Aid" to Al Qaeda, ISIS-Daesh**. Global Research, 2016. Disponível em:<encurtador.com.br/lqzB8>. Acesso em: 16 out. 2019.
- CORRÊA, Fernanda das Graças; DELGADO, Fernanda. **Os novos corredores energéticos e a guerra civil na Síria: velhos e novos atores**. 2018. Disponível em:<encurtador.com.br/emKN3>. Acesso em: 08 set. 2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Obama elogia suspensão da Síria da Liga Árabe**. 2011. Disponível em:<encurtador.com.br/kszUX>. Acesso em: 22 jun. 2020.

- FRIEDMAN, G. **A próxima década: Onde estamos... e para onde iremos**. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora. 2012.
- GLOBAL SECURITY. **Finlandization**. Military Menu. 2020. Disponível em:<encurtador.com.br/abHSW>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- HARVEY, David. Novo imperialismo (O). Edições Loyola, 2004.
- HOFFMAN, Frank G. **Hybrid threats: Reconceptualizing the evolving character of modern conflict**. Washington, DC: Institute for National Strategic Studies, National Defense University, 2009.
- HOKAYEM, Emile. **Iran, the Gulf States and the Syrian civil war**. *Survival*, v. 56, n. 6, p. 59-86, 2014.
- HUGHES, G. **My Enemy's Enemy: Proxy Warfare in International Politics**. Eastbourne: Sussex Academic Press. 2012.
- KERR DE OLIVEIRA, L.; BRITES, P.; REIS, J. A. DA S. **A guerra proxy na Síria e as disputas estratégicas russo-estadunidenses no Oriente Médio**. *Mundorama*, 20 set. 2013. Disponível em:<https://bit.ly/2VyYo2N>. Acesso em: 10 out. 2019.
- KLARE, M. T. **Blood and Oil: the dangers and consequences of America's growing dependency on imported petroleum**. New York: Holt Paperbacks. 2005.
- KORYBKO, A. **Hybrid wars: The indirect adaptive approach to regime change**. Moscou: Peoples' Friendship University of Russia. 2015.
- KORYBKO, A. **Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LIND, W. **Compreendendo a Guerra de Quarta Geração**. *Military Review*. Jan-Fev. 2005.
- MENEM, Issam Rabih. **Geopolítica da Cooperação Sul-Sul Entre Brasil e Oriente Médio: Variáveis Conjunturais e Estruturais para a Análise das Perspectivas de Contribuição do Brasil para a Resolução da Crise na Síria**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu.
- NAZEMROAYA, Mahdi Darius. **Plans for Redrawing the Middle East: The Project for a "New Middle East"**. *Global Research*, v. 18, 2006. Disponível em:<encurtador.com.br/abkuE>. Acesso em: 10 Set. 2019.
- SIPRI. **Biggest military spenders**. *Stockholm International Peace Research Institute*. 2018. Disponível em: <http://visuals.sipri.org/>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- SÍRIA. Presidente. **Discurso do Presidente Bashar Al-Assad durante encontro com os líderes dos conselhos das províncias sírias**. Damasco, 17 fev. 2019. Syrian Arab News Agency. Disponível em: <encurtador.com.br/zHKMP>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- TAIT, Scott. **Hybrid warfare: the new face of global competition**. *Financial Times*. 2019. Disponível em:<encurtador.com.br/gswPV>. Acesso em: 20 out. 2019.
- THE NEW YORK TIMES. **Arab League Votes to Suspend Syria Over Crackdown**. 2011. Disponível em:<encurtador.com.br/eIFN4>. Acesso em: 16 out. 2019.
- THOMAS, Clayton. **Arms Sales in the Middle East: Trends and Analytical Perspectives for US Policy**. Congressional Research Service, 2017.
- UNIÃO EUROPEIA. **REGULAMENTO (UE) N. 36/2012 DO CONSELHO de 18 de janeiro de 2012 que impõe medidas restritivas tendo em conta a situação na Síria e que revoga o Regulamento (UE) n.o 442/2011**. *Jornal Oficial da União Europeia*. 2012. Disponível em:<https://bit.ly/33BJ8ol>. Acesso em: 17 out. 2019.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O grande Oriente Médio**. Elsevier, 2014.

ZAHREDDINE, D; TEIXEIRA, R. C. **A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de Setembro**. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 23, n. 53, p. 71-98, mar. 2015.

عمر الحسن. دول الخليج والأزمة السورية: مستويات التحرك وحصيلة المواقف. مركز الجزيرة للدراسات. 2012. متوفر في: <<https://bit.ly/35v1zwH>>. الوصول في: 2019.

محمد إسماعيل حديد. الحرب الهجينة إستراتيجية جديدة بالتأمل .. قراءة في العمق. 2018. متوفر في: <<https://bit.ly/2IXu6BI>>. الوصول في: 16 أكتوبر. 2019.

Data de submissão: 2020-06-23.

Data de publicação: 2020-08-30.